

Marocas, de “Singular ocorrência”: entre a prostituta regenerada e a nostalgia da lama

Marocas, from “Singular ocorrência”: between the reformed prostitute and the nostalgia for mud

Luiza Helena Damiani Aguilar

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo | SP | BR

Fapesp¹

luhaguilar95@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3013-1223>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo olhar para Marocas, a protagonista do conto machadiano “Singular ocorrência” (publicado em 1883 no jornal *Gazeta de notícias* e em 1884 na coletânea *Histórias sem data*), e analisar como a personagem escapa aos preceitos tanto da prostituta regenerada, adotados pela escola romântica, quanto aos da mulher caída incorrigível, muito caros ao realismo. O texto também conta com a comparação da jornada de Marocas com a das protagonistas de duas das peças citadas por Machado ao longo da narrativa: *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho e *O casamento de Olímpia*, de Émile Augier.

Palavras-chave: Machado de Assis; “Singular ocorrência”; a prostituta na literatura oitocentista.

Abstract: This article aims to look at Marocas, the main character of Machado de Assis’ short story “Singular ocorrência” (published in 1883 on the newspaper *Gazeta de Notícias* and later in 1884 on the collection *Histórias sem data*), and analyse how the character escapes both the ideals of the reformed prostitute, adopted by the romantics, and the vision of an incorrigible fallen woman, so dear to the realists. The paper also includes a comparison between Marocas’ journey and those of the protagonists from two of the plays mentioned in Machado’s narrative: *The lady of the camellias*, written by Alexandre Dumas Fils, and *Olympe’s marriage*, written by Émile Augier.

Keywords: Machado de Assis; “Singular ocorrência”; the prostitute on 18th century literature.

¹ O presente artigo faz parte de uma pesquisa de Doutorado em andamento com financiamento da Fapesp.



Publicado pela primeira vez em 30 de maio de 1883 na *Gazeta de notícias*, o conto “Singular ocorrência” passou a integrar a coletânea *Histórias sem data* no ano seguinte. Ao longo do conto, estruturado como um diálogo, um dos participantes decide narrar ao interlocutor a relação partilhada anos antes por seu amigo, Andrade, e a prostituta Marocas, que fora vista por ambos alguns minutos antes quando saía de uma igreja na região. Embora o texto não conte com um narrador prototípico, tendo em vista que a narrativa se estrutura exclusivamente por meio de um diálogo entre dois personagens, a figura do amigo de Andrade – que não recebe um nome ao longo da narrativa – acaba cumprindo a função de um narrador-testemunha, considerando-se que seu ouvinte participa do escrito apenas pontualmente, realizando observações às vezes céticas, às vezes incrédulas, sobre a história a qual é apresentado.

Ao longo da narrativa, o leitor acompanha, a partir do ponto de vista desse pseudo-narrador, o relato de um relacionamento clandestino que ocorrera anos antes, já que Andrade era casado e não poderia assumir a relação com Marocas. Após realizar uma viagem em família, Andrade encontra-se com Leandro, que aproveita a oportunidade para gabar-se de um encontro amoroso que tivera na véspera. Andrade logo deduz que a moça da história de Leandro seria Marocas e decide confrontá-la. O casal rompe temporariamente, e a prostituta desaparece, levando Andrade ao desespero. Quando eles se reencontram, reatam o relacionamento e decidem não retomar o assunto. Alguns anos depois, Andrade é convocado para trabalhar em outro estado e lá morre; Marocas abraça o luto e vive como sua viúva a partir de então.

O próprio título do conto já apresenta um detalhe curioso. A narrativa inicia-se justamente com a frase “há ocorrências bem singulares” (Assis, 1884, p. 57), proclamada pelo narrador para introduzir a história de Marocas ao seu interlocutor. O título inverte a ordem do substantivo e do adjetivo e remove o plural da expressão, indicando o foco na situação sobre a qual o relato se debruça. Sendo assim, mostra-se interessante tentar elaborar hipóteses sobre a escolha de Machado ao antepor o adjetivo.

No Houaiss, “singular” conta com as seguintes acepções, dentre outras: “não vulgar; especial, raro” e “que causa surpresa; surpreendente, espantoso; extravagante, bizarro” (Singular, 2022). Quando a expressão aparece no miolo, ela parece conter em si os dois significados: a ocorrência que o narrador vai destrinchar ao seu amigo seria singular tanto por sua raridade quanto pelo espanto provocado naqueles que a vivenciaram. No entanto, quando transferida ao título da narrativa, o lado conotativo do termo “singular” ganha mais força: a ocorrência vivida por Marocas e Andrade teria caráter surpreendente justamente porque, como ficará claro ao longo da narrativa, ela recusa explicações fáceis e simplistas.

O narrador-testemunha tem um acesso bastante limitado aos fatos narrados. Não só é privado de onisciência, mas também está na periferia da história: se um narrador-protagonista conta os acontecimentos de um ponto de vista do centro, o narrador-testemunha muitas vezes depende dos relatos do protagonista não só para descrever sentimentos como também para incluir certas cenas em sua narrativa.

No caso de “Singular ocorrência”, o narrador faz questão de deixar claro que ele não estava presente em diversos momentos da história de Andrade e Marocas: ele ouve do amigo sobre os primeiros encontros do casal, que envolvem também a alfabetização da protagonista pelo amante, e sobre a cena que representa clímax da narrativa, quando Andrade confronta Marocas acerca de sua suposta escapada com Leandro: “Não a soube inteiramente, porque o próprio Andrade é que me contou tudo, e, naturalmente, estava tão atordoado que muita coisa lhe escapou” (Assis, 1884, p. 65). Para Norman Friedman (2002), o narrador-teste-

munha dispõe de um acesso limitado aos personagens que narra, porque participaria apenas parcialmente da história relatada. Consequentemente, o autor abdica da onisciência relativa a todos os outros personagens, adotando o ponto de vista de um observador.

O leitor é, portanto, deixado em uma posição curiosa: se mesmo o narrador não estava presente durante certos momentos da narrativa – incluindo um dos mais fundamentais –, os eventos que culminam na separação de Andrade e Marocas ficam cravados de lacunas. A escolha de Machado por um narrador-testemunha contribui ainda mais para aproximá-lo do leitor em sua confusão quanto aos ocorridos, já que, como argumenta Friedman, o autor optou por renunciar não só à onisciência, mas também a quaisquer sentimentos e pensamentos dos personagens centrais, deixando que o leitor partilhe da confusão da testemunha: “Fiquei estupefato; mas como duvidar, se ele tivera a precaução de levar a prova até a evidência?” (Assis, 1884, p. 65).

Ao mesmo tempo, esse narrador tem uma familiaridade maior não só com os indivíduos centrais da narrativa, como também, no caso de um leitor não contemporâneo ao momento de publicação, com o cenário do século XIX. Nesse contexto, suas observações são muito valiosas, especialmente quando colocadas em contraste com aquelas feitas por seu interlocutor, que parece ter uma visão mais pragmática dos acontecimentos. O narrador rejeita mais de uma vez a hipótese da “nostalgia da lama” aventada por seu companheiro: “nunca a Marocas desceu até os Leandros” (Assis, 1884, p. 70). No parágrafo final, ele ainda tenta estabelecer uma justificativa para as atitudes da prostituta, acreditando que sua aventura estaria associada ao fato de que Leandro estaria afastado de todo o seu círculo, mas mesmo isso não é suficiente para que o próprio narrador fique plenamente convencido de sua conjectura.

O conto trabalha com um tema muito caro a escritores oitocentistas, estivessem eles mais alinhados com o Romantismo ou com o Realismo: a prostituta. Ao longo das páginas, Machado faz questão de incluir referências a três peças teatrais, dentre as quais duas apresentavam visões diametralmente opostas sobre a regeneração da chamada “mulher caída”, mesmo que ambas alcancem conclusões igualmente trágicas para suas protagonistas: *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho, conta a história de Marguerite Gautier, que toma a decisão de desistir da vida de prostituição pelo homem que ama, Armand Duval; e *O casamento de Olímpia*, de Émile Augier, protagonizada por Pauline Morin – também conhecida por seu nome de trabalho, Olympe Taverny –, que se casa com o Conde de Puygiron, mas não é feliz em sua nova vida doméstica, e decide abandoná-la.² Marocas, porém, não segue os passos nem de Marguerite nem de Pauline, abrindo não só para o leitor como também para o narrador uma incógnita, um enigma difícil de responder: “enfim, cousas!” (Assis, 1884, p. 70).

Marguerite, a protagonista da peça a qual Marocas assiste no Ginásio, apaixona-se por Armand e decide largar todas as suas regalias pelo seu amado, dispensando todos os seus clientes e vendendo suas joias para poder se manter financeiramente. Ao mesmo tempo, de início, ela não acredita que uma união pelo casamento seja possível por causa de seu passado. Uma conversa sobre o tema dá origem a uma das opiniões mais progressistas da peça, em que Gustave afirma que a virgindade das mulheres pertence apenas a seu primeiro amor:

² Machado também inclui uma referência à peça *Janto com a minha mãe*, de Lambert Thiboust e Adrien Decourcelle. Para uma análise mais detida das conexões entre o conto e a peça em questão, cf. Faria, 1991.

Gustave: Você é uma mulher honesta, Marguerite.

Marguerite: Não, mas eu penso como um homem honesto. É sempre assim. Eu sou feliz de uma felicidade que eu jamais ousaria esperar, eu agradeço a Deus e não quero tentar a Providência.

Nichette: Gustave diz grandes palavras, e ele se casaria com você se estivesse no lugar de Armand; não é, Gustave?

Gustave: Talvez. Além disso, a virgindade das mulheres pertence ao seu primeiro amor, e não ao seu primeiro amante. (Fils, 1898, p. 126, tradução própria).³

A abnegação de Marguerite, no entanto, não é suficiente para convencer o pai de Armand, que vem procurá-la pedindo que desista da união. Ele argumenta que isso mancharia a imagem de toda a família, e que mesmo que ela genuinamente se afaste da prostituição, seu passado seria uma presença constante, impedindo a felicidade não só de Armand, como também de sua irmã, que teria na família uma “mulher caída”. O diálogo dá origem a um monólogo de Marguerite em que ela reconheceria a opinião de M. Duval como verdadeira, acreditando que, independentemente de suas possíveis atitudes no caminho da redenção, uma “criatura caída nunca se levantará”:

Marguerite, a ela mesma: Não importa o que ela faça, a criatura caída não se levantará jamais! Deus a perdoará talvez, mas o mundo será inflexível! De fato, com que direito você quer ocupar no coração das famílias um lugar que apenas a virtude deve ocupar?... Tu amas! Que importa? E uma bela razão! Quaisquer provas que você der desse amor, não acreditarão, e é justo. O que vens tu nos falar do amor e do futuro? Quais são essas palavras novas? Olhe para a lama de seu passado! Qual homem gostaria de te chamar de sua esposa? Qual criança gostaria de te chamar de mãe? Tu tens razão, senhor, tudo que me dizes, eu já disse a mim mesma várias vezes com terror: mas, como eu era a única a me dizer isso, eu conseguia não me ouvir até o final. Tu me repetes, é então bem real: é preciso obedecer. (Fils, 1898, p. 136, tradução própria).⁴

A prostituta rompe o relacionamento, e confrontada com a mágoa de seu amado, adoece. Nos momentos finais da trama, o pai de Armand esclarece o mal-entendido e o jovem procura Marguerite para reatar o namoro, mas Marguerite morre em seus braços. Segundo o narrador de “Singular ocorrência”, Marocas “chora como uma criança” (Assis, 1884, p. 59) ao assistir à representação do drama francês.

³ Gustave: Vous êtes une honnête fille, Marguerite. Marguerite: Non, mais je pense comme un honnête homme. C'est toujours ça. Je suis heureuse d'un bonheur que je n'eusse jamais osé espérer, j'en remercie Dieu et ne veux pas tenter la Providence. Nichette: Gustave fait des grands mots, et il t'épouserait, lui, s'il était à la place d'Armand; n'est-ce pas, Gustave? GUSTAVE: Peut-être. D'ailleurs, la virginité des femmes appartient à leur premier amour, et non à leur premier amante.

⁴ Marguerite, à elle-même: Ainsi, quoi qu'elle fasse, la créature tombée ne se relèvera jamais! Dieu lui pardonnera peut-être, mais le monde sera inflexible! Au fait, de quel droit veux-tu prendre dans le cœur des familles une place que la vertu seule doit y occuper?... Tu aimes! qu'importe? et la belle raison! Quelques preuves que tu donnes de cet amour, on n'y croira pas, et c'est justice. Que viens-tu nous parler d'amour et d'avenir? Quels sont ces mots nouveaux? Regarde donc la fange de ton passé! Quel homme voudrait t'appeler sa femme? Quel enfant voudrait t'appeler sa mère? Vous avez raison, monsieur, tout ce que vous me dites, je me le suis dit bien des fois avec terreur; mais, comme j'étais seule à me le dire, je parvenais à ne pas m'entendre jusqu'au bout. Vous me le répétez, c'est donc bien réel; il faut obéir.

A trajetória inicial de Marocas e Andrade (cujos nomes possuem as mesmas iniciais dos protagonistas da peça de Dumas Filho)⁵ é muito similar àquela que aparece no espetáculo: Marocas abandona seus clientes ricos, vende joias e vive em função de seu amado. No entanto, há uma diferença crucial entre *A dama das camélias* e “Singular ocorrência”: mesmo que Andrade o quisesse, não poderia casar-se com Marocas, tendo em vista que ele já possui esposa e filha quando a conhece. Sobre isso, João Roberto Faria comenta:

A segunda sequência narrativa do conto explora exatamente essa situação. Marocas, regenerada, afasta-se do universo da prostituição, mas não conquista o espaço respeitoso da família. Separada das antigas relações, sua ligação com Andrade lhe propicia momentos alegres, certamente, porém o que o conto realça é a solidão da mulher que procura a felicidade fora do casamento e da família. (Faria, 1991, p. 165).

Marocas tem consciência dessa sua solidão, dos obstáculos que existem entre sua condição e a possibilidade de uma vida feliz. Ela age como mulher casada, manifestando até mesmo algum recato quando Andrade tenta beijá-la na frente do narrador, mas não tem acesso aos benefícios da vida de esposa. Ela manifesta dúvidas quanto à sinceridade da afeição de Andrade e questiona o narrador, revelando suas inseguranças:

Pouco a pouco estabeleceu-se intimidade entre nós; ela interrogava-me acerca da vida do Andrade, da mulher, da filha, dos hábitos dele, se gostava de veras dela, ou se era um capricho, se tivera outros, se era capaz de esquecer, uma chuva de perguntas, e um receio de o perder, que mostravam a força e a sinceridade da afeição. (Assis, 1884, p. 60).

A felicidade plena lhe é negada, mas Andrade pode dela desfrutar sem enfrentar quaisquer repercussões negativas. “O fato de manter a Marocas e exigir dela fidelidade é tolerado pelas convenções sociais da época, em que a autoridade masculina é inquestionável”, afirma Rogério de Almeida (2009, p. 275). A recíproca, no entanto, não é verdadeira, e Andrade não só pode ter duas mulheres, como ainda exibir a narrativa de suas aventuras para todos os seus convivas: “O chefe ou um dos delegados, não me lembra, era amigo do Andrade, que lhe contou da aventura a parte conveniente; aliás a ligação do Andrade e da Marocas era conhecida de todos os seus amigos.” (Assis, 1884, p. 67).

Quando Andrade viaja acompanhado da família e do amigo, Marocas encontra-se mais uma vez sozinha, afastada das novas relações que representavam sua felicidade. Confinada em sua casa, espera-se que ela, de fato, jante com o retrato de Andrade, e, apenas ocasionalmente, tenha acesso à companhia do homem que ama.

A partir daí, o leitor é apresentado à narrativa de que, durante a ausência de seu amado, Marocas teria se envolvido com Leandro, “ex-agente de certo advogado”, com quem ela esbarra na rua. Segundo as informações que Leandro relatara à Andrade e que este teria repassado ao narrador,

⁵ A onomástica é um ponto chave na obra machadiana. Além da coincidência das iniciais, tanto “Andrade” quanto “Leandro” partilham do radical grego “-andros”, associado ao gênero masculino. Em contrapartida, “Marocas” é apelido de “Maria”, nome de origem bíblica e associado a uma mulher virgem que deu à luz o filho de Deus.

A dama vinha atrás dele, e mais depressa; ao passar rentezinha com ele, fitou-lhe muito os olhos, e foi andando devagar, como quem espera. O pobre-diabo imaginou que era engano de pessoa; confessou ao Andrade que, apesar da roupa simples, viu logo que não era cousa para os seus beijos. Foi andando; a mulher, parada, fitou-o outra vez, mas com tal instância, que ele chegou a atrever-se um pouco; ela atreveu-se o resto... Ah! um anjo! E que casa, que sala rica! Cousa papafina. (Assis, 1884, p. 63).

Se acreditarmos na história contada por Leandro, teremos, em um mesmo conto, retratos de duas estratégias diferentes que as prostitutas do século XIX adotavam ao procurar seus clientes. Com Leandro, homem teoricamente mais simples, “separado, por um abismo, de todas as suas relações sociais” (Assis, 1884, p. 70), ela chama sua atenção na rua. Segundo Marinete dos Santos Silva (2012), muitas prostitutas mais pobres encontravam homens nas ruas, sentadas diante das janelas de suas casas, surrupiando os chapéus dos transeuntes. Em contrapartida, a estratégia adotada no início do relacionamento com Andrade era mais próxima daquela que correspondia a um público mais rico, aparentemente condizente com aquele de Marocas, que “tinha alguns capitalistas bem bons” antes de dispensá-los: o teatro. Ainda de acordo com Silva,

As prostitutas de alto bordo, também recrutavam clientes nos espetáculos teatrais, aos quais compareciam com muita frequência. Tomavam sempre um lugar de destaque – camarotes ou cadeiras de primeira classe – onde poderiam ser notadas pelos homens endinheirados. Bem-vestidas e, portando ricas joias, exerciam aí o seu fascínio. (Silva, 2012, p. 379).

A descrição do momento em que Andrade confronta Marocas sobre a suposta aventura apresenta caráter quase nebuloso, como admite o próprio narrador-testemunha, considerando-se que todas as informações a que teve acesso foram repassadas por Andrade, que estava sob fortes emoções. O leitor, portanto, fica privado das impressões que uma visão mais isenta ou distante poderia oferecer, fosse ela do amigo de Andrade ou de um narrador onisciente. Segundo esse relato indireto, Marocas empalideceu e jogou-se aos pés de Andrade, ameaçando suicídio, mas não confessou. O próprio Andrade, em diferentes momentos após o incidente, chega a cogitar se tudo não seria um teste, uma armadilha orquestrada por Marocas para testar seu amor. Como argumenta James Wood (2017, p. 91), “detalhes assim – que penetram num personagem, mas se recusam a explicá-lo – nos fazem tão escritores quanto leitores; somos uma espécie de coadjuvantes na criação do personagem”, afirmação facilmente aplicável ao conto machadiano tendo em vista que o leitor também precisa procurar estabelecer suas possíveis interpretações para aquilo que lê. Para Eliane Robert Moraes,

Se Marocas traiu ou não, pouco importa. Afinal, o que interessa, em “Singular Ocorrência”, são as diversas repercussões da suposta infidelidade da moça, cada qual oferecendo uma versão distinta sobre o que teria ‘realmente’ acontecido, para complicar ainda mais as conjeturas do leitor. A rigor, nada no conto autoriza o veredito de que a traição teria sido verdadeira ou inventada: conclusão deveras impossível, por ser reiteradamente sonogada ao longo do texto, incluindo o desfecho que tampouco contribui para esclarecer a questão. [...]

Em suma, como também acontece no romance *Dom casmurro*, em “Singular Ocorrência” é a dúvida que produz realidades, impondo-se inclusive sobre as evidências mais flagrantes. (Moraes, 2016, p. 287-288).

Seja ou não verdadeira a traição de Marocas, todos os personagens do conto passam a operar segundo a crença de que ela de fato aconteceu, e a discutir as consequências do ato. Andrade tenta “acomodar a realidade ao sentimento da ocasião” (Assis, 1884, p. 68), como argumenta seu amigo. Em alguns momentos, o protagonista da história acredita que foi exageradamente duro com sua amada e que talvez a traição nem tenha de fato ocorrido; em outros, tomado por cólera, crê-se justificado em sua reação.

Já o narrador-testemunha faz esforços para tentar compreender o ocorrido. Desde o início do conto, ele parece concentrar sua atenção no enigma que envolveria as atitudes de Marocas: “há ocorrências bem singulares” (Assis, 1884, p. 57) é a frase que abre o texto; mais tarde, ele afirma que estava “estupefato” com o ocorrido; alguns parágrafos adiante, admite que não consegue encontrar motivos – “Quanto a mim, cogitava na aventura, sem atinar com a explicação. Tão modesta! maneiras tão acanhadas!” (Assis, 1884, p. 66) —; e, por fim, encerra a narrativa com o já célebre “enfim, cousas!”.

O interlocutor rapidamente oferece sua explicação, e o faz mais de uma vez: “nostalgia da lama”, expressão emprestada da peça de Émile Augier. Nela, Pauline Morin, que adotava o nome de Olympe Taverny em seu período de trabalho, consegue uma conquista que é negada às outras duas protagonistas: ela forja a morte de seu *alter ego* para poder casar-se com um Conde. A sociedade à sua volta não acredita na regeneração da mulher caída: a expressão que aparece em “Singular ocorrência” está presente também mais de uma vez na peça, e na primeira delas vem acompanhada de um discurso bastante determinista:

O Marquês: Coloque um pato em um lago no meio dos cisnes, você verá que ele sentirá falta de seu lago e acabará voltando para lá.

Montrichard: A nostalgia da lama!

Baudel: Você não admite então a ideia de Madalenas arrependidas?

O Marquês: Sim, mas apenas no deserto. (Augier, 1859, p. 5, tradução própria).⁶

No caso de Pauline, a profecia do Marquês se concretiza: aos poucos, ela passa a sentir falta da vida que levava quando era ainda Olympe, e arquiteta um plano para que possa separar-se de seu marido sem desfazer-se dos louros que a posição de Contessa proporciona. Infelizmente para ela, no entanto, a personagem é assassinada pelas mãos do Marquês, tio do Conde, que teme pela reputação de sua família.

O *casamento de Olímpia* teve sua estreia em 1855 em Paris, e funcionava como oposição à ideia mais romantizada da prostituta regenerada que fora exibida apenas três anos antes com *A cama das camélias*. Representantes de visões de mundo bem distintas, as duas peças pareciam seguir as tendências da cena literária do meio do século, como aponta Moraes:

⁶ Le Marquis: Mettez un canard sur un lac au milieu des cygnes, vous verrez qu'il regrettera sa mare et finira pour y retourner. Montrichard: La nostalgie de la boue! Baudel: Vous n'admettez pas de Madeleines repentantes? Le Marquis: Si fait, mais au désert seulement.

Assim, se a gloriosa aparição de Marguerite Gautier na cena simbólica da metade do século representou o auge desse tipo de personagem, não menos digno de nota foi seu declínio nas décadas seguintes. A partir de meados do Oitocentos, o mito hegemônico da prostituta redimida pelo amor foi perdendo espaço para uma imaginação complexa e plural que impedia o confinamento dessa mulher numa só imagem. [...].

Afinal, a figura da cortesã de boa índole, disposta a tudo para fazer valer seus ideais amorosos, havia se tornado por demais inverossímil quando confrontada com as protagonistas da cena histórica. (Moraes, 2015, p. 169-170).

O narrador-testemunha de Machado de Assis, no entanto, parece rejeitar as duas versões da personagem. Ao contrário de Andrade, ele não parece ter grandes dúvidas quanto à traição de Marocas, ao ponto de acreditar que Andrade apenas queria acomodar a realidade à ocasião quando este manifesta alguma incerteza. Em contrapartida, ele rejeita veementemente a hipótese da “nostalgia da lama” nas duas vezes em que seu interlocutor a propõe.

A construção desse narrador que rejeita as duas construções literárias mais prototípicas para a prostituta oitocentista, associadas mais comumente às escolas Romântica e Realista, revela muito sobre os procedimentos do próprio autor, que ao longo da década de 1880 afasta-se das duas vertentes e chega até mesmo a ridicularizá-las, como nesse trecho de *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século. O pior é que o estafaram a tal ponto, que foi preciso deitá-lo à margem, onde o realismo o veio achar, comido de lazeria e vermes, e, por compaixão, o transportou para os seus livros. (Assis, 1881, p. 56).

Afastada do quase purismo de Marguerite e do determinismo de Olympe, Marocas aproxima-se mais das inúmeras personagens femininas de Machado cujos comportamentos intrinsecamente humanos não são facilmente explicáveis por estereótipos, sejam eles negativos ou positivos. Se adúltera, o realismo de Augier não é suficiente para esclarecer seus motivos. Se inocente, o romantismo de Dumas Filho também é falho, tendo em vista que o casal reata sem que sua inocência seja provada, e ela não tem direito a um final tipicamente romântico, seja ele feliz ou sumariamente trágico.

As mulheres machadianas constantemente figuram entre as figuras mais esféricas de suas obras, e suas sexualidades são tema de inúmeros textos, mesmo que de modo indireto: Virgília, de *Memórias póstumas*, e Rita, de “A cartomante”, por exemplo, são mulheres casadas e adúlteras; Sofia, de *Quincas Borba*, é aconselhada por seu marido a instigar os sentimentos de Rubião, mas em segredo manifesta algum desejo por Carlos Maria; Genoveva, de “Noite de almirante”, rompe a promessa que fizera para Deolindo porque se apaixona por outro; Severina, de “Uns braços”, tem um rompante de volúpia em relação a Inácio e dá um beijo no jovem adormecido.

Tomando por verdadeira a aventura de Marocas com Leandro, ainda assim seu comportamento não é completamente desviante daquele que é adotado por diversas mulheres casadas do período, incluindo algumas personagens do autor. Marocas tem acesso a todos os ônus de um casamento, sem nenhum bônus, e talvez justamente por isso possa manifestar sua sexualidade nesse desvio. Segundo Emanuel Araújo,

Bem que os homens do reino lusitano desconfiavam que suas mulheres não se conformavam, como eles tanto queriam, em aprisionar a sexualidade a ponto de só manifestá-la, com o recato possível, no leito conjugal. Os homens tinham vida mais solta, o que era até admitido pela Igreja e pelo Estado, mas o paradoxo é evidente, como ressalta um relatório holandês de 1638 que diz que no Brasil “os homens são muito ciosos de suas mulheres e as trazem sempre fechadas, reconhecendo assim que os de sua nação são inclinados a corromper as mulheres alheias”. Ora, se “corrompiam” as mulheres dos outros, como não desconfiar da própria mulher? Era um eterno sobressalto. (Araújo, 2002, p. 58).

O “leito conjugal” de Marocas é ainda mais limitado do que o da mulher casada típica, já que é amada apenas na clandestinidade, enquanto Andrade pode exibir suas duas mulheres – a esposa e a amante – para a sociedade à sua volta sem sofrer grandes julgamentos. Como aponta Ingrid Stein,

A mulher tinha que incondicionalmente preservar a virgindade até o casamento e, uma vez casada, manter-se fiel ao marido – e, em caso de desobediência a estas regras, contar com drásticas punições. Já do homem não se exigia nem abstinência sexual antes, nem fidelidade após o matrimônio contraído, sendo inclusive estas ‘infrações’ questão de prestígio. (Stein, 1984, p. 33).

As punições destinadas a Marocas não são convencionais, já que o relacionamento também não se enquadra nas convenções sociais do período, mas a humilhação e a separação lhe são emocionalmente custosas, e o leitor não tem a oportunidade de acompanhá-las pela visão da protagonista. A perspectiva que o narrador-testemunha apresenta para o leitor está muito interligada a um ponto de vista que é partilhado pelo protagonista, levando-se em consideração que, além de amigos, os dois participavam de uma mesma classe social, com perspectivas de mundo similares. Para Luiz Roncari,

Com isso fica dito que eram não só íntimos, mas muito iguais, sendo assim um relato de alguém que compartilhava dos mesmos valores e costumes do amigo, e cujo ponto de vista poderia não ter isenção para ultrapassar o da classe. Entre os iguais, o Andrade se excedia em generosidade, é o que o narrador faz questão sempre de realçar quando se refere ao amigo [...]. Certamente, entre os iguais, era o amigo um homem sensível e generoso. (Roncari, 2000, p. 146-147).

Se o narrador-testemunha pode funcionar como uma janela para as visões da sociedade e de seu amigo em relação aos acontecimentos, Marocas não tem direito a expressar-se para além das conversas que mantém com o protagonista e com o narrador. O leitor é apresentado, em maior parte, com o seu silêncio, com as lacunas que a ausência da sua voz proporciona no conto. Os enigmas e mistérios que assolam o narrador ficam refletidos no leitor, que pode apenas fazer conjecturas sobre os acontecimentos. Para Moraes,

Quanto a Marocas, sua situação difere em muita daquela desfrutada pelo amante: enquanto este tem um porta-voz garantido, a figura dela parece ficar o tempo todo na dependência da intermediação do narrador, que lhe empresta a voz e o ponto de vista em distintos momentos de sua história. (Moraes, 2016, p. 291).

O silêncio de Marocas é, portanto, ensurdecador, e diz muito sobre o desconcerto do narrador em relação aos seus comportamentos. Essa testemunha dos acontecimentos pode apenas tecer hipóteses vagas sobre fatos que ocorreram a sua volta, sem nunca os confirmar, porque sua visão de mundo apresenta limitações muito claras: ele faz parte de um grupo privilegiado do qual Marocas, como uma prostituta inicialmente analfabeta,⁷ está bastante afastada. Ao optar por essa estrutura narrativa, Machado, simultaneamente, dificulta a compreensão plena de sua personagem, mas abre para o leitor um caminho interpretativo que reforça sua complexidade como criação literária, complexidade esta que reflete o cenário de inúmeras mulheres em situação análoga no período em que o conto foi escrito.

Referências

ALMEIDA, Rogério de. O trágico em Machado de Assis: análise do conto “Singular ocorrência”. *Línguas & letras*, Cascavel, vol. 10, n. 19, p. 263-281, 2º sem. 2009.

ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORI, Mary del. (org.); BASSANEZI, Carla. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

AUGIER, Émile. *Le mariage d'Olympe*. 3ª ed. Paris: Michel Lévy Frères, Éditeurs, 1859.

FARIA, João Roberto. Singular ocorrência teatral. *Revista USP*, São Paulo, n. 10, p. 161-166, jun./ago. 1991. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi10p161-166>.

FILS, Alexandre Dumas. *Théâtre complet avec préfaces inédites*. Vol. 1. Paris: Calmann Lévy, 1898.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio. 2002. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi53p166-182>.

MORAES, Eliane Robert. O decoro de uma prostituta. *Revista de estudos literários*, Coimbra, vol. 6, p. 287-307, 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/2183-847X_6_13.

MORAES, Eliane Robert. Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 15, p. 169-170, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2014.98606>.

RONCARI, Luiz. Ficção e história: o espelho transparente de Machado de Assis. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 1, p. 139-154, 1º sem. 2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2000.121086>.

SILVA, Marinete dos Santos. Clientes e circuitos da prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. *Dimensões*, Vitória, n. 29, p. 374-391, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/5414/3999>. Acesso em: 01/10/2025.

⁷ “A situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso: como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela”, como argumenta Norma Telles (2002, p. 406).

SINGULAR. In: *Grande Dicionário Houaiss Online*. São Paulo: UOL, 2022. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Editora SESI-SP, 2017.